

CLIPPING IMPRESSO

10/05/2021



INDICE

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. JUÍZES.....	1 - 2
1.2. SERVIDOR PÚBLICO.....	3
2. JORNAL EXTRA	
2.1. COMARCAS.....	4 - 5

Osmar Gomes dos Santos, Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



OS TEMPOS DE CRIANÇA

Paro, penso, reflito... sinto saudades! Saudades de um tempo descompromissado, da distância dos problemas corriqueiros de uma vida que parecia longe de nos alcançar. A falta de comida, de uma roupa, ou mesmo a pouca perspectiva eram preocupações para os adultos.

Não que a escassez não maltratasse, claro que sim, afinal, a fome dói tanto quanto o chamado soco na boca do estômago. Mas éramos costumados e a aparente falta de insumos, não trazia tanta indignação, a propósito, com exceção da comida, não se pode sentir falta daquilo que nunca teve.

Mas ainda sobre sentir falta, posso dizer que hoje, ao me apanhar nas lembranças devaneias, mesmo diante de um conforto maior que a vida me trouxe, nada nos faltava de verdade. Paradoxal sensação me aperta o peito, dá um nó na garganta e me angustia de tal forma que minha compreensão não é capaz de alcançar.

Se por um lado alcancei algum bem material em minha trajetória, por outro percebo que muito do pouco que tinha já não está ao alcance, nem mesmo é capaz de comparar com as cifras disponíveis em algum saldo bancário. O que foi já não volta.

As lições do acordar cedo, sair para a lida, plantar, colher, caçar, pescar. O ritual da colheita e da quebra do babaçu, cuja polpa extraída foi moeda de troca que abastecia nossa pequena dispensa já não existe mais. A vida campesina, à beira dos alagados-campos e lagos, traz o sossego e a sintonia com a natureza que agora só alcanço com minhas memórias.

A natureza era sempre mãe, sempre oferecendo uma alternativa para a vida se reinventar. A pescaria era realizada de forma artesanal, na pequena canoa, no socó ou até mesmo à mão, quando vasta imensidão de água se transformava em pequenas e enlameadas poças.

O chão frio e batido, coberto com um teto de palha, contrastava com o entusiasmo de aprender e não tirava a alegria de ter a oportunidade de estudar a tabuada. Não tinha farda, não tinha merenda e o mesmo lápis se multiplicava em pequenos pedaços para vários alunos. Caderno, cartilha do abc, borracha, entre outros itens eram coisas das quais pouco se sabia.

Depois da aula a alegria corria solta. A bola, feita de restos de panos embalados em uma meia velha, sempre aguardava escondida na moita de capim atrás do gol. E lá estávamos a correr. O estômago podia estar vazio, mas o rosto transbordava de uma alegria sem igual.

Imaginação te faz ver a alegria em um pedaço de pau virava um taco, uma lata era um carrinho, uma corda amarrada em um galho balançava a adrenalina pulsante dentro do peito. A folha da bananeira virava um cavalo, que nos conduzia a até a beira de um riacho para os desafios de salto do alto de galho sobre as margens. Levávamos horas a fio nessas estripulias;

Sinto saudade daqueles brinquedos nada convencionais, hoje sequer poderiam ser classificados como instrumento de diversão. Não havia tempo para o sofrimento, a lamentação, a tristeza. Na roça, há pelo menos duas coisas que se aprende cedo: uma é trabalhar, a outra é inventar a própria infância.

O balanço da rede, muitas vezes furada, a abraçava e guarnecia da noite fria, por vezes até dois franzinos corpos, cansados da exaustão de um dia cheio de peripécias. Cama não havia, moveis tampouco e o remédio era aquele da sabedoria popular. Mas era difícil cair doente.

As viagens de canoa, casco e lacha de madeiras era uma atração a parte, ainda que aquelas pequenas, entre um povoado e outro, pegando o vento frio no rosto, que enxergava adiante, altivo, um mundo misterioso que à frente convidava para ser desvendado.

A saudade que dói e aperta, me traz a estranha sensação de que hoje aquela etapa de vida faz muito mais falta a mim, homem feito, do que a escassez fazia àquele frágil e franzino ser. A vida tem dessas peças, que nos pegam sorrateiramente.

Eis a constatação que podemos ter tudo na vida, que podemos conquistar alta posição, que podemos driblar situações, fingir para o outro, querer enganar o mundo. Só não podemos fugir de nós mesmos, de nossas memórias, que nos levam à particular profundidade de nosso âmago, lá onde dorme aquilo que aprendemos chamar de saudade.

Mas sem ela nada disso seria possível, nem mesmo alimentar a saudade. Minha mãe, dona Maria Gomes dos Santos, a senhora foi e aos seus 93 anos de vida continua sendo a mais fervorosa, combatente, ativa e digna mulher que a vida me proporcionou conhecer depois de ser gerado em seu próprio ventre. Parabéns MAMÃE.

E-mail pra Dona Bibi

djalmarodrigues1@gmail.com



Nesta semana, como se não bastasse, perdi mais um grande amigo para o Coronavírus. O Arnaldo Martinho, que era professor e passou duas décadas como diretor-geral do CINTRA do Anil. Custei a acreditar quando o Phil Camarão me mandou a informação.

Ó Arnaldo era amigão do peito e costumava atender meus pleitos, quando o assunto era vagas naquele núcleo escolar. Ao longo dos anos, foram mais de 30 vagas. Geralmente mães de família com orçamento apertado, que não podiam manter filhos em escolas particulares, que me procuravam.

Certo dia, estava com a Josyane Costa do ATOS E FATOS e a irmã dela, cujo nome não me recordo. Ambas estudaram no

CINTRA e fizeram faculdade posteriormente. A Josyena se formou em Administração e a irmã dela em Odontologia.

Lembrei da trajetória das duas e liguei para o Arnaldo.

-Olha Arnaldo, estou aqui com duas ex-alunas do CINTRA. Ele conversou com ambas durante um bom tempo e depois voltou a conversa comigo. Estava com a voz embargada pela emoção.

-Poxa Djalma, isso é que nos alegra, nos deixa muito feliz, saber que contribuimos para a formação e a garantia de um futuro melhor para as pessoas.

Ai lembrei a ele, que minha cunhada, a Rafaela, também havia cursado o segundo grau no CINTRA e que era formada em Histó-

ria, Direito e já era oficial de Justiça do TJMA.

Depois do CINTRA, ele foi nomeado, por indicação do então senador Edison Lobão, para a Superintendência local do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Nem sabia da existência desse órgão, quando um dia ele me ligou pedindo que o visitasse para um cafezinho na sede da repartição, na Rua Rio Branco.

Fui lá e passei mais de uma hora num gostoso bate papo, entre generosos goles de café. Era sujeito decente e extremamente prestativo. Deixa uma saudade danada e uma grande lacuna na lista dos amigos. Que Deus o tenha ao lado dele.

GUERRA QUÍMICA



GABRIEL INTROVINI
CONTRATOU AVIÕES PARA
PULVERIZAR AGROTÓXICOS
EM PLANTAÇÕES DE SOJA

O produtor de soja Gabriel Introvini usou aviões para pulverizar agrotóxicos nas suas plantações de soja, em povoados de Buriti (leste do Maranhão). O veneno foi jogado em cima das comunidades rurais por três dias seguidos, o que provocou intoxicação em pelo menos nove pessoas e queimaduras graves num menino de 8 anos. PÁGINA 4

FAZENDEIRO JOGA VENENO EM CIMA DE POVOADOS NO MA

Fazendeiro despeja agrotóxico em cima de povoados no Maranhão

AVIÕES DESPEJARAM O PRODUTO QUÍMICO EM COMUNIDADES DE BURITI, CAUSANDO QUEIMADURAS GRAVES EM CRIANÇA

A Justiça proibiu o produtor rural Gabriel Introvini de usar aviões para pulverizar agrotóxicos em plantações de soja, em Buriti (leste do Maranhão).

Os rasantes dos aviões que aplicam veneno nas lavouras têm assustado moradores de dois povoados do município – Araçá e Carranca. São cerca de cem pessoas que vivem de agricultura familiar.

A Polícia, o Ministério Público e órgãos ambientais estão investigando o caso.

O agrotóxico foi jogado em cima das comunidades por três dias seguidos, o que provocou intoxicação em pelo menos nove pessoas.

Um menino de oito anos, André Lucas, estava na porta de casa na hora do

sobrevoo e diz que sentiu gotículas caírem no corpo e logo depois, as coceiras e as bolhas começaram a aparecer.

Os moradores relatam sintomas como vômito, diarreia e febre.

“Muitos idosos alegando que sentiram falta de ar, dor de cabeça. É uma situação desesperadora envolvendo duas comunidades tradicionais”, relatou Diogo Cabral, advogado da Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão.

A produtora rural Antonia Perez, mãe de André Lucas, também foi atingida:

“Senti irritações na minha perna, vermelhas e inchando. Ficou uma vermelhidão muito grande”, disse ela.

A Secretaria de Meio

Ambiente multou Gabriel Introvini em R\$ 273 mil, por contratar voos agrícolas no período investigado, numa “atividade potencialmente poluente, que é a pulverização na lavoura de soja com uso de aeronave, sem licença da autoridade competente”. Ele foi proibido de fazer novas aplicações.

“Ele estava adotando esse procedimento de maneira irregular e por isso nós adotamos essas duas penalidades”, justificou o secretário estadual de Meio Ambiente Diego Rolim.

O produtor de soja nega que tenha aplicado agrotóxico na lavoura nos dias em que as comunidades foram atingidas, mas confirmou o uso de avião.

“Não foi só a minha

fazenda que aplicou veneno na região. Tem outras fazendas que aplicaram também. Agora, o produto que eu apliquei, que eu saiba, não queima ninguém. Mas disseram que queimou. Eu posso dizer o quê?”, afirmou Gabriel Introvini.

A polícia determinou que o produtor rural suspenda o uso de aeronaves para aplicação de agrotóxico em lavouras da região até que ele apresente as licenças ambientais necessárias sob pena de multa de R\$ 50 mil a cada descumprimento.

Ele vai ter que pagar os custos do tratamento dos moradores e disponibilizar atendimento médico para eles por um mês.

A polícia e o MP investigam outros produtores rurais.